



Revista Design em Foco

ISSN: 1807-3778

designemfoco@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia

Brasil

Santos Loschiavo dos, Maria Cecília

A Bahia e o Design

Revista Design em Foco, vol. I, núm. 1, julho-dezembro, 2004, pp. 51-52

Universidade do Estado da Bahia

Bahia, Brasil

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66110106>

- ▶ How to cite
- ▶ Complete issue
- ▶ More information about this article
- ▶ Journal's homepage in redalyc.org

## A Bahia e o Design

### The Bahia and the Design

#### Sobre a autora:

**Maria Cecília Loschiavo dos Santos**  
 Filósofa, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Mestre e Doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade. Coordenadora do convênio CAPES-PQI, USP-UNEB.

No ano de 2003, fui convidada a participar da cerimônia de lançamento da Quinta edição do Prêmio Liceu, realizada no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Confesso que pensei muito antes de estabelecer a tônica da apresentação, mas julguei por bem falar o óbvio, exprimir publicamente aquilo que todos os baianos sabem, mas que por razões de ordem varia, não manifestam publicamente. Tentar exprimir aquilo que todos já sabem é tarefa complexa, revestida de certa dimensão subjetiva, mas a expressão pública da palavra poderia conferir uma outra dimensão ao fato de que a Bahia é um imenso laboratório para a criação e a prática do design. O presente texto retoma alguns aspectos daquela apresentação.

Na obra dos pioneiros, como José Zanine Caldas, Manoel Querino, nos produtos dos designers anônimos, cujo trabalho povoou o cotidiano da casa, da vida e das ruas na Bahia observei um vigor vital, que me inquietou extraordinariamente.

Procurando identificar as causas desse processo, acabei voltando às origens de minhas relações com a Bahia. Nasci em São Paulo, de uma família ítalo-baiana. Vivi longos períodos de minha primeira infância no interior da Bahia, entre Santo Amaro da Purificação-Lapa, hoje Amélia Rodrigues. Mais tarde, aproveitei intensamente a cidade de Salvador, seus encantos e mistérios. Dessas memórias da infância ficaram marcados os contrastes do Brasil subdesenvolvido, onde o moderno e o arcaico conviviam lado a lado. Ficaram latentes impulsos, conhecimentos e experiências que a Bahia me proporcionou.

Tempos depois, quando iniciei minha carreira como pesquisadora e professora de design, comecei a olhar os objetos como uma evidência de como designers pensam o mundo e quais os efeitos do design no mundo.

Um dos efeitos do design que mais me intrigava era o descarte e a reutilização das embalagens na vida diária do povo baiano. A cuia do queijo Palmira, o chamado queijo do reino, era um exemplo emblemático desse fenômeno.

Testemunho de uma cultura da opressão, que o reino exerceu sobre o Brasil, os navios aportavam em Ilhéus carregados de queijos e outros produtos e partiam da Bahia levando cacau e fumo. O queijo era consumido pelos ricos e ficava a embalagem, que era reutilizada pelos pobres.

Em torno das embalagens, criou-se toda uma cultura de reciclagem fortemente presente no cotidiano dos baianos e dos nordestinos. A cuia era reutilizada, ora como recipiente para guardar farinha, ora como padrão para corte de cabelo, o que muito me amedrontava. Mas para mim essa reutilização era sempre acompanhada de certa perplexidade, através dela eu confrontava a enorme distância entre o bem estar dos ricos e dos pobres, aos primeiros o queijo, o vinho, o licor, etc.; aos pobres os restos, as embalagens vazias. A reutilização era a expressão de uma cultura material rica e complexa, com outros códigos e outro design, era fascinante.

As ruas de Salvador ofereciam um panorama dessa cultura e desse design: a venda do cigarro “em retalhos”, o rolete de cana, o uso do litro, como unidade de medida volumétrica para sólidos, os tabuleiros vendendo beijus, acarajés, as embalagens dos abarás, as fieiras do camarão, etc.

A Bahia me deu as primeiras lições das relações entre diversidade cultural, mestiçagem e design, entendido aqui num amplo sentido da

cultura material e espiritual de um povo. Mais tarde vim a compreender essas manifestações do design através das teorias de Gui Bonsiepe, como “tecnologia apropriada” ou lendo Victor Papanek, como o “Design para o mundo real”, mas certamente foi a leitura do livro “El mundo como proyecto”<sup>1</sup>, de Otl Aicher, que me propiciou a chave para a compreensão do papel da Bahia na pré-figuração do design.

Em suas reflexões filosóficas sobre o design e o projeto, o autor assevera que o mundo pode ser compreendido de distintas maneiras, como um cosmos ao qual pertencemos; o mundo pode ser compreendido como um processo de desenvolvimento, no qual nascemos e, finalmente, aponta para o fato de que o mundo pode ser compreendido como projeto - um mundo feito, projetado.

No capítulo que dá título ao livro, Aicher afirma: “Só o fazer criador é o verdadeiro trabalho e o verdadeiro desenvolvimento da pessoa. O projeto é o signo da criatividade; somente através dele se tornam humanos o ativismo e o emprego. Um mundo humano pressupõe um trabalho e um fazer identificados pelo projeto, porque a razão da pessoa aparece no projeto”. É exatamente essa dimensão civilizatória do projeto e do fazer criador autônomo, do mundo como projeto que se manifesta com grande força de expressão na cultura material baiana.

A Bahia nos fornece o referencial dessa atividade criadora intensa, onde os produtos se apresentam na sua integridade, forma, uso, efeitos sócio-ambientais, estética e ética.

Sou eternamente grata a essas fontes, a esses mestres do design vernacular lá da Feira de São Joaquim, do Mercado Modelo, que iluminaram minha experiência do design e creio que é preciso repetir com o poeta: “A Bahia já me deu régua e compasso”.

<sup>1</sup> AICHER, Otl. *El mundo como proyecto*.  
Barcelona, Gustavo Gili, 1991.